

Fundo: Departamento de Censura

Número da Pasta: 106

Número de Documentos: 02

Autor (es): Campão, Renato

Título: Viagem ao centro da Terra

Gênero: Erótico

Personagens:

Tema/Sinopse: Grupo de homens e mulheres reunidos em um ambiente fechado, ocupam-se em recriar os ritos de amor, livrando-os da hipocrisia e dos freios impostos pelas convenções.

Observações: 1 cópia do texto e 1 certificado de censura

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. & S.V.E



"VIAGEM AO CENTRO DA TERRA"

Renato Campão

Do feiço (ver texto anexo)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Donatien-Aldonse, o Marques de Sade, descreveu há quase duzentos anos atrás o universo, digo o horror dos universos concentracionários e foi o profeta, já em sua época, das tendências totalitárias do nosso tempo.

"ESCOLA DE LIBERTINAGEM" é o seu livro mais cruel e ao mesmo tempo cheio de atordoante verdade: homossexualismo, adultério, roubo, assassinio - Sade põe em questão, aqui, os chamados crimes da natureza humana, analisando-os, ao mesmo tempo, um a um.

Segundo Aguinaldo Silva (dramaturgo de "As Tias", "O Beijo da Louca", e escritor de telenovelas como Roque Santeiro e O Outro) que traduziu a obra para o português, "Se o Marques de Sade isolou seus personagens na intimidade das alcovas e dos conventos, se só aí ele deu livre curso aos atos que a sociedade hipocritamente denominava pecaminosos, é que ele percebeu estar o homem fechado dentro de si mesmo, aprisionado, sendo clara a necessidade de libertá-lo de dentro para fora: só quando o homem livrar sua consciência poderá construir um mundo realmente livre.

Mas a importância do livro não para aí. Tres eminentes literatos fizeram as suas observações:

Antoine Flesnard - "O aspecto inírico desta obra-prima fantástica parece na condensação de erotismos aberrantes em sua crescente complexidade sexual, no desenvolvimento aritmético dos acontecimentos dramáticos carregados de uma ambivalência de ignomínia e fascinação voluptuosa..."

E além desta dialética combinatória, de onde emana uma atroz poesia acumuladora de prazeres entremeados, se revelam - tais são os complexos existenciais de um sonho - as premissas desencadeadas de uma ética narcisista ou solopsista. Esta proclama o direito incorruptível da pessoa humana à afirmação de suas exigências instintivas. Celebra a satisfação satânica desta conquista imaginária, integral do absoluto erótico e numa pura et certa voluptas."

Maurice Heine - "É a primeira "Psychopathia sexualis", precedendo de quase um século o célebre tratado de Krafft-Elbing, que nasce exatamente cem anos depois do Marques de Sade."

Henri Pastoreau - "Hoje, com apreciável atraso, Sade parece se dirigir a um ponto do céu, onde o espera talvez um povo semelhante ao de Goethe. Ele era um grande inspirador clandestino, tanto dos romancistas em voga, quanto dos melhores espíritos da época."



"VIAGEM AO CENTRO DA TERRA" - A Peça, é uma adaptação livre da obra de Sade realizada por Renato Campão, ator e diretor gaúcho que assinou todos os roteiros teatrais da Cia. Tragicômica Balaio de Gatos nos últimos cinco anos (No Vale dos Pimentões, A Bela e a Fera, A Bossa da Juventude entre outros), além de ter um texto seu montado em São Paulo com bastante sucesso no ano anterior ("Porque o Espelho?").

Renato também é um dos adaptadores de "Gaspar Hauser" prêmio aorianos de melhor espetáculo de 1986 onde também faz parte do elenco.

Para este novo projeto, foi realizada uma projeção com traços característicos do minimalismo: cenário atemporal, gestos medidos, sinuosos, nenhuma apelação emotiva e, sobretudo um jogo de velocidade nas falas que parecem se repetir incessantemente. Uma espécie de dilatação do tempo, fazendo com que o espectador passe a refletir sobre o que vislumbra, a perceber mais claramente a estrutura do texto. É o mínimo sedutor, onde se exige uma atenção multifacetada, concentrando um máximo de informações num espaço menor de tempo.

O texto objetiva principalmente denunciar a ansiedade presente no ser humano. A serviço de uma história de dimensões filosóficas que discute o significado do sexo.

Concebido sob o signo da irreverência, o roteiro brinca com a loucura como uma ameaça. Construído em três "Rounds", um prólogo e um epílogo a mise-en-scène deverá ser cortada por números musicais e dançantes, que conferem inesperada teatralidade ao trabalho. SOB o gênero farsesco, constroi-se um clima de pânico, onde a angústia das personagens que rejeitam as regras do jogo vigente, desistem de acreditar que possam chegar a um relacionamento honesto, tendo um final inesperado.

Um grupo de homens e mulheres reunidos num ambiente fechado - uma alcova - ocupam-se em recriar os ritos do amor, livrando-os da hipocrisia e dos freios impostos pelas convenções. Com esta chamada "Viagem ao centro da Terra", temos presente um novo aspecto humano - universal - do sado-masiquismo: o "sadismo moral", inspirador da maioria dos conflitos entre indivíduos e grupos, e grande agente da subordinação ética.



SINOPSE

Madame de Saint-Ange é uma viúva cinquentona, herdeira de uma fortuna incalculável. Protegida pela classe dominante da época, devido à sua importância social, diverte-se criando ritos de iniciação sexual, bem como jogos extremamente eróticos com indivíduos do seu interesse. Estamos no século XIX, com as suas promiscuidades discretas e pestes intermináveis.

Num fim de semana qualquer, após ser abandonada por mais um jovem amante, ela decide realizar mais uma de suas "reuniões" na alcova de seu palácio.

Para isso, chama seu jovem irmão, o cavalheiro de Mirvel, um rapaz fogoso com fama de bom-vivant, o homossexual conde de Dolmancé, um nobre bem educado e com requintes masoquistas e uma camponesa virgem, conhecida por Mademoiselle Eugénie, que foi presenteada por seus pais em troca de alguns francos. Juntos, os quatro permitem-se a tudo, esperando encontrar a verdadeira chave deste mistério milenar que é o sexo.

A aventura chegará até as raias da decadência moral, custe o que custar.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ROTEIRO DE ATIVIDADES



PRÓLOGO

Os quatro intérpretes anunciam a "Viagem ao Centro da Terra" e convidam aos espectadores a embarcarem juntos.

PRIMEIRO ROUND

Madame de Saint-Ange sozinha em seu castelo:

- A solidão
- O Exercício de viver
- O descontrole emocional
- A descrença religiosa
- O medo da velhice
- O sexo solitário
- O prazer da aventura
- A ilegalidade do clandestino

SEGUNDO ROUND

Madame de Saint-Ange recebe a visita do ilustre conde de Dolmancé:

- A relação à dois
- O convite ao prazer
- o encanto dos corpos
- a satisfação singular
- as outras necessidades
- Os direitos do casal
- Os deveres do casal
- A nova combinação



TERCEIRO ROUND

Madame de Saint-Ange e seu novo amante convidam o cavalheiro de Mirvel e Mademoiselle Eugénie para um encontro:

- O grande grupo
- A troca de casais
- O amor pelo mesmo sexo
- O requinte do desejo
- O interesse estético
- O jogo do querer
- A agressão do corpo
- O desentendimento

EPÍLOGO

Os quatro intérpretes anunciam o término da "Viagem ao Centro da Terra" e convidam os espectadores a desembarcarem juntos.



TEXTO

Título - VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Autor - RENATO CAMPÃO

Inspirado livremente no romance francês
ESCOLA DE LIBERTINAGEM, de Marquês de Sade

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



INSTRUÇÕES PARA USO DO PRESENTE TEXTO À SEGUIR :

1. Após a leitura de "Viagem ao Centro da Terra", você notará que tem a sua frente um legítimo representante do teatro-do-ridículo e não do teatro-do-absurdo, como aparenta à primeira vista.
2. As personagens em nenhum momento deverão criticar o que dizem. A comi-
dade só acontecerá se houver verdade por parte dos intérpretes. Estes, de-
verão chorar se preciso for ou discutir banalidades com convicção. Portan-
to: seriedade.
3. Toda palavra, som ou movimento deverá passar uma sensualidade nervosa. O
sexo deve estar presente na respiração, no olhar, enfim, nos menores gestos.
4. O linguajar chulo é absolutamente um fator importante e de extrema neces-
sidade para o decorrer da trama. Quando dito, deverá ser saboreado.
5. A impressão de estarmos presenciando um jogo é essencial. Cada um dos qua-
tro rounds deverão ser especificados com o soar de uma campainha, tanto
para início como para fim de partida, estando as personagens sempre prepa-
radas para uma possível futura jogada, cada qual com seu símbolo respecti-
vo:
MADAME DE SAINT-ANGE (pomba), CONDE DE DOLMANCÉ (perfume), CAVALHEIRO DE
MIRVEL (chicote) e MADEMOISELLE EUGENIE (boneca).
6. O cenário é qualquer um e o tempo da ação é o pretárido-mais-que-perfeito.
7. Importante: Sade dizia que a libertinagem é amar o próximo como a si mes-
mo, onde a natureza é vista como um sistema de atração e repulsão do mal
pelo próprio mal. Portanto: boa sorte!

O Autor



(Este poema é a letra da canção que deverá ser executada no início do espetáculo pelos quatro intérpretes, sendo depois arranjada em diferentes ritmos para os próximos quatro rounds.)

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Quicá, depois da última quimera
tem cha-cha-cha
além da atmosfera
Com lindos monstros do vício
de natureza devassa
que seduzem o hospício
Num bandido desejo cigano
o beijo escondido e sujo
da volúpia do ardor profano
Que o perverso amor
de mil e um prazeres
faz no Universo, a luxúria em flor
Pois, uma andorinha só não faz verão
neste céu infinito que é
a solidude da paixão
É só um reflexo sem nexo
do complexo de ser e querer
sexo, sexo, sexo (...)



P R Ó L O G O :

(Abre a cortina. As quatro personagens estão imóveis em posições bem características. Silêncio geral. Um televisor está ligado em lugar bastante visível. Ele apresenta um vídeo de sexo explícito, sem som. As imagens não são bastante nítidas. A luz sobe em resistência. Quando chega-se a luminosidade escolhida, as personagens começam à cantar como que de surpresa. Após o término da canção, acontece um black-out de dois segundos. Só existem agora três figuras paralisadas. Um novo corte de luz. Duas figuras estão imobilizadas. Terceiro e último corte. Uma figura apenas.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(Toca a campainha. A figura que sobrou é a de uma mulher. É Madame de Saint-Ange que brinca com a sua pomba-rola engaiolada. Dá um grito.)

MADAME - Todo camundongo morre por um pedaço de queijo. (pausa) Eu sei que ele vai me trocar por outra mulher. Sentí que mais cedo ou mais tarde de isso aconteceria. E então, eu vou tentar com outro... e outro... e outro. Passarei a minha vida procurando e por fim, acabarei sózinha. (pausa) Todo mundo tem vergonha de sair de guarda-chuva. (pausa) Mas daí morrerei rica. Porém, esquecida. Vou estar vestida de vermelho e coberta de rosas negras. Continuarei sendo a mesma cadela capenga de sempre. E no fundo, dentro de mim, terei o sangue de todos esses camponeses malditos. Sou uma vampira e fiquei encantada com o seu ar de menino-moço. (pausa) Minha mãe costumava dizer que muito doce faz mal. (pausa) O que me atrai nele é que ele me desperta com um estalar de dedos. Ele me respeita porque quer aprender ser. Eu fico febril. Eu fico atordoada. Eu fico besta. Mas, afinal de contas, um dia a casa cai. Sei que tudo isso é válvula de escape e de agora em diante terei mais cuidado. (pausa) Não consigo me relacionar com os meus vizinhos. (pausa) Já sofri demais. Por hoje é só. Passarei a eternidade querendo e me chegando. Não se esqueça Madame de Saint-Ange: no fundo você é uma lésbica. (pausa) É ridículo acreditar em duendes. (pausa) A luxúria já é um prazer tão pequeno para mim. Mas, só consigo respirar com ela. À noite, todos nós somos o que desejamos ser. Tenho planos projetados para vingar-me daquele estúpido. A minha mente se excita, já que sou a mais livre das fêmeas. Imaginava que dedicando-me aos homens, me tornaria menos louca. Que os desejos, concentrados nas pessoas de sexo oposto, são mais ingênuos. (pausa) Quase sempre no outono, as folhas caem das árvores. (pausa) Constatei que, quando se nasceu, como eu, para a libertinagem, torna-se inútil o desejo de se impor limites. (pausa) Do contato de duas pedras nasce o fogo. (pausa) Mas posso me considerar um mulherão: sou vistosa, chamativa, atraente. Ah, eu sou uma deusa! Enfim (Neste instante começa a beijar-se) sou um animal anfíbio: amo tudo, com tudo me divirto, desejo fazer todos os gêneros. Sim, mas devo estar preparada. Dentro de algumas horas, conhecerei o exótico Conde de Dolmancë. Será uma total extravagância. Quero ser Ganimedes desse novo Júpiter, quero partici

par do seu gozo, dos seus brinquedos, quero ser vítima dos seus er -
ros. (pausa) As paisagens bucólicas são as mais bonitas do mundo.
(pausa) Esse despudorado vai enlouquecer-me: é o mais famoso dos
ateus, o mais criminoso dos indivíduos, o mais imoral dos homens...
Sei que as delícias de Sodoma são preferidas tanto como ativo, quan -
to como passivo; ama apenas os homens nos seus prazeres, e se algu -
mas vezes, não obstante, consente em experimentar mulheres, é apenas
com a condição de elas mudarem de sexo com ele. (pausa) Odeio os
gregos e os romanos. Amo os ingleses e os espanhóis. (pausa) Mas ago -
ra, aproveitarei a calada da noite para exercitar o prazer. (Fecha
os olhos e começa a dançar pelo espeço. Toca-se o tempo todo, numa
espécie de masturbação coreografada. Parece segura de si mesma e
realmente está excitada com as suas fantasias.) Quero ser amada por
mim mesma. Sonhar em ser violentada por um batalhão de estranhos. E
depois, ser forçada a comer estrume. Beijar de língua todos os bebês.
Deixar-me penetrar pelos dois lados ao mesmo tempo. Ceder aos encan -
tos dos paralíticos. Masturbar meu pai num túmulo do cemitério. Chu -
par o dedão do pé de todos os pobres. Ser uma aranha caranguejeira.
(Toca a campainha. Ela acorda dos seus devaneios. Fica ainda mais ex -
citada. Sente-se asfixiada. Está sob tensão, como que hipnotizada. Co -
meça à babar. Caminha de um lado para outro. Rí. Chora. Está confusa.)
O meu convidado acaba de chegar. Dizem que acaba de completar trin -
ta e seis anos. É alto, de muito boa cultura, tem um olhar de urso e
algo de maldoso no seu semblante. É um tanto dengoso nos gestos de -
vido à mania de tomar ares femininos, mas é um momento de classe,
cheio de filosofia de espírito. Acabou o foyeur da solidão. Se ele
me convencer, terei certeza absoluta de que só os homossexuais são
interessantes.



(A campanha insiste. A Madame está petrificada. Então, o Conde entra, faz uma série de gestos suaves e elegantes. Depois, despeja um perfume em aerosol no ar.)

CONDE - Os teus processos são bárbaros!

MADAME- São os únicos que garantem resultados seguros.

CONDE - Madame de Saint-Ange!

MADAME- Conde de Dolmancé!

CONDE - Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim, sou homossexual.

(Ele beija elegantemente a sua mão. Ela estremece o corpo. Ele abraça-a e dá meia-volta com ela em seus braços. Beija a sua boca. Beija o seu corpo todo. Ela parece estar desmaiando. Ele tira do chapéu duas plumas, dá uma a ela e fica com a outra. Começam à fazer cócegas um no outro.)

CONDE - O descontrolo emocional.

MADAME- O exercício de viver.

CONDE - O prazer de uma aventura.

MADAME- O ilegal clandestino.

CONDE - O convite ao prazer.

MADAME- O requinte do desejo.

CONDE - O pau no cú.

MADAME- O cú no pau.

CONDE - O cú no cú.

MADAME- O pau no pau.

CONDE - O cú.

MADAME- O pau.

CONDE - O pau.

MADAME- O cú.

CONDE - O cú no pau.

MADAME - O pau no cú.

Começam à rir muito. Estão divertidos. Então aos poucos voltam ao normal, na mesma postura formal de antes.)

CONDE - Tentarei lhe proporcionar, momentos ótimos. Ví rameiras mais jovens que a "senhora" agüentarem caralhos bem maiores. Com coragem e paciência superam-se todos os obstáculos. É uma loucura imaginar que, sempre possível, só se deve penetrar em alguém com caralhos muito pequenos. Acho que pelo contrário: uma virgem encabaçada, por exemplo, deve entregar-se aos maiores engenhos que puder encontrar, a fim de que, quebrados mais cedo os ligamentos do hímen, as sensações de prazer possam assim

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ser conseguidas mais rapidamente. (pausa) Mas isso é só uma tese.

MADAME- Ah, Dolmancé, por mais libertino que sejas, desafio a que tenhas feito o que planejo para este fim-de-semana. Será um maravilhoso combate de traição para o meu marido. Pensei em tudo.

CONDE - Pobre corno! (Pensa um instante.) Estou com a cabeça toda em si a própria sacerdotisa do prazer. Vim até aqui por que, como tú, já não me interessava mais pelo sexo comum. Quero requintes agora. Só a excentricidade neste instante pode aniquilar o tédio. Sou totalmente corajoso e enfrentarei as doenças venéreas que assolam este e os reinados mais próximos. Morrerei doente, mas gozando sempre.

MADAME- Conte-me mais.

CONDE - Os acontecimentos rolarão nesta deliciosa alcova. Adianta-se sempre o mais que se pode a felicidade de vos ver, senhora; recebi uma carta de vosso irmão; ele sentiu quanto a minha presença seria necessária às ' licções que deve dar à ele, à senhorita e a uma terceira pessoa. Quem é?

MADAME- É Eugenie. Mademoiselle Eugenie. Michê de primeira. Vou oferecer aos teus ardores uma garota sem experiência, e mais bela que o amor. Trata-se de educação; é uma mocinha que conheci no convento, na primavera passada, enquanto o meu ex-amante estava nas termas. Lá nada pudemos fazer. Muitos olhos nos vigiavam. É apenas uma camponesa que comprei por alguns francos, para me deliciar.

CONDE - Enfim, a garota vem. Espero-a. Empregarei a maior parte do tempo na educação desta mocinha. Meterei naquela linda cabecinha todos os princípios da mais desenfreada viração, alimentá-la-emos com a nossa filosofia: "só é dando que se recebe." (Começa à uivar.) Será a colheita dos mitos de Cítera.

MADAME- Fico contente pelo Conde não acreditar em Deus.

CONDE - O pudor é uma velha virtude que deveis, com tais encantos, saber bem dispensar. Bem, faz um calor extraordinário: fiquemos à vontade, estaremos infinitamente melhor. Afinal, o meu sangue ferve por você. (pausa) Um, dois, três.

(Os dois começam à despir-se. Criam uma espécie de strip-tease em dupla.)

CONDE - Ah, que corpo perfeito! É a própria Vênus endeitada pelas graças.

MADAME- Ainda bem. Vêdes, eis-me completamente nua; dissertai sobre mim, o que quiserdes.

CONDE - Minha querida, quantos encantos! Deixai-me percorrê-los à minha vontade, deixai-me cobri-los de beijocas. (Assim faz.) Você é tão encantadora, tão cheia de carnes, tão juvenil. Foi mesmo de uma felicidade ' atroz, ter sido convidado para este encontro cultural. Aqui será o

colégio onde ministrarei o curso. Introduzi-me aqui, não imaginando que fosse desaprovado, como sabe que as demonstrações são necessárias depois das dissertações teóricas. (pausa) Entretanto... (Começa a gritar.) Primeira lição! Existem muitas coisas a serem descobertas entre um homem e uma mulher. Principalmente se estão juntos, num dia de chuva naquela floresta distante e desconhecida.



MADAME - Estava sózinha em meu castelo. Agora tenho um companheiro para os meus erros. Sózinha, não senti prazer, fui infeliz. Em dupla, talvez a situação prometa resultados satisfatórios.

CONDE - Segunda lição! Existem muitas coisas a serem descobertas por um homem e uma mulher. Principalmente se estão juntos no alto de um vulcão em erupção.

MADAME - Aproxime-se. Coloque sem exitar o teu líquido mágico, a tua poção do amor, o teu vinho rosé na minha imundície.

CONDE - Terceira lição! Existem muitas coisas a serem descobertas por um homem e uma mulher. Principalmente se estão juntos num pântano imundo, cheio de crocodilos. (Está possuído.) Inferno. É lá que os ritos de promiscuidade encontram seu espaço. Satã, Lúcifer, Belzebú: invadam a minha alma!

MADAME - Faça-me a introdução por detrás, quando uma mulher não está acostumada, experimenta sempre a dor. Preferiu a natureza que só atingíssemos o último degrau da escada, através de sofrimentos.

CONDE - Uma vez vencida, nada pode ser mais intenso, e aquilo que se experimenta quando pelas costas é muito superior a essa mesma introdução pela frente.

MADAME - Não tardeis em demonstrações. Não suporto mais.

(O Conde entra dentro do vestido. Ela geme. Depois, ele aparece novamente enlouquecido e então, dançam um tango rasgado. Enquanto isso dialogam:)

MADAME - Ah, desgraçado! Mas que deliciosa invenção.

CONDE - Mas pode haver no mundo algo que valha tanto? Madame de Saint-Ange, Madame de Saint-Ange, que eu encha esta pétala de jasmim das mais doces carícias.

MADAME - Paraí, libertino! Como é belo, meu jenipapo. Mas, como se chama mesmo o que estamos fazendo?

CONDE - Tocar punheta, minha amiguinha, dar-te prazer. Mas olha, examina a tua vagina, é assim que se chama o templo da Vênus de Boticelli.

MADAME - Sim.

CONDE - Examina bem este recanto coberto pela tua mão. Esta elevação que o coroa, como vês, é o grelo; guarnece-se de pêlos - os chamados pentelhos - geralmente aos quatorze ou quinze anos, quando uma moça co-

meça a menstruar-se. E, esta linguazinha graciosa que se encontra por baixo, chama-se clitóris. Jaz nela toda a sensibilidade da mulher.

MADAME - Agora teu pênis é o meu Senhor. Que embriaguez toma conta de mim.

CONDE - Chega de dissertações. Mergulhe logo neste delírio aluscinante.

MADAME - É uma sensação indescritível.

CONDE - Indescritível.

MADAME - Ai, meu púbis!

CONDE - Ai, minha glânde!

(Ficam estatizados por algum tempo. Depois começam a se recompor.)

CONDE - Um país é formado por estados e estados por municípios.

MADAME - A ordem dos meios não altera o produto.

CONDE - A galinha veio antes do ovo ou vice-versa.

MADAME - Unir negro com branco dá mulato.

CONDE - Uma hora tem sessenta minutos.

MADAME - Há uma gota de kistch em toda a arte.

CONDE - Todo vento é ar em movimento.

MADAME - O Japão é um continente que fica do outro lado do terceiro planeta do sistema solar.

CONDE - O realismo é diferente do naturalismo que por outro lado é o oposto do simbolismo.

MADAME - Os dinossauros e pterodátiles, existiam no início da criação do mundo.

CONDE - Quatro são as fases da lua: cheia, nova, crescente e minguante.

MADAME - Quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, em 1500.

(O Conde e a Madame estão exauridos. Soluçam arfantes.)

MADAME - Tentei sózinha fornicar no meu rendez-vous. Não tive sucesso. Esperava que um companheiro solucionasse o problema. Porca miséria! Tomei no cú mais uma vez...

CONDE - Pensei que pudesse quebrar o galho dessa mariposa. Me fudei. Sou agora uma negra doadora de rim. Raios duplos!

MADAME - A culpa é toda tua homem!

CONDE - A culpa é toda tua mulher!

MADAME - Mas, o teu peito!

CONDE - Ai, vai ver se eu estou lá na esquina.

MADAME - Eu, Madame de Saint-Ange já dei muito o cú. Agora não dou mais o cú. Digo sempre pros meus machos: quer comer cú, vai comer cú de veado.

CONDE - Mas nem eu?

MADAME - Acabei de cagar.

CONDE - Abre as pernas, mana! Sempre te desejei fofinha! Entra e sai gostoso!





CONDE - O que aconteceu? Vais me fazer um bicaõ prateado?

MADAME - Não é que eu não queira, não entra.

CONDE - Vai dar uma de evangélica agora, vai? Cadê a substância da galinha toda?

MADAME - Hoje eu estou vazia. Acho que eu vou deixar. Tenho o rosto muito redondo.

CONDE - Não te prende por mim. Tú tens gastos de velha.

MADAME - É lamentável. Não me olhe com esses olhos.

CONDE - Deixa de fazer fusquinha. Tomei como um deboche.

MADAME - Ah, te valoriza e não te altera. Tenha dó de mim.

CONDE - Eu te avisei que não era café pequeno na cama.

MADAME - Me deixa em paz, eu só quero amar!

CONDE - E agora essa: tem xundum na xereca da vaca.

MADAME - Chega de esculhambação. Eu não aceito. Eu não aceito.

CONDE - És uma mentirosa: disse que só sabia transar de meio-dia.

MADAME - Ainda esse assunto? Sai. Te conheço, Alzirinha!

CONDE - Vem cá e furunfa na xoronha.

MADAME - Mas, que filho-da-puta, heim?

CONDE - Virei uma tigresa e agora quero lance grosseiro contigo.

MADAME - Não vai ter remuneração da banana.

CONDE - Vamos fazer uma maratona, minha neguinha do fubá.

MADAME - Que safári, que autorama, o quê... Pensas que eu tenho cara de juntar sabonete pra você?

CONDE - Eu estou super-soltinho.

MADAME - Mas que Exú na minha vida... Cai fora, pêra!

CONDE - Dá uma olhada no saco da boneca e nas bolas do Basílio.

MADAME - Aí é que tá!

CONDE - Cadê a putaça?

MADAME - Qual é? Mas que vacilo... Tô cega!

CONDE - Adorei o depoimento de um a pantera. Agora quero fazer um ursinho contigo.

MADAME - Aqui ó. Nos beico da macaca.

CONDE - Sua naja!

MADAME - Sua peruca!

CONDE - Cristobal!

MADAME - Bucho!

CONDE - Sorvete!

MADAME - Monga!

CONDE - Te retalho toda com uma gilete.

MADAME - Te descarrego um trinta e oito na cara.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

loca a campainha para o fim do segundo round e início do terceiro. As personagens que já estavam preparadas para um duelo ou uma troca de socos, escutam o som da campainha. Mais um round termina. Descansam poucos segundos.)

TERCEIRO ROUND



CONDE - Quem seria tão tarde da noite?

MADAME - A revendedora dos produtos Avon.

CONDE - Que piada sem graça.

MADAME - Deve ser o Cavaleiro de Mirvel, meu irmão caçula. Pedí que viesse com o pressentimento de que não conseguiríamos sózinhos encontrar a felicidade.

CONDE - E que tal o bofe, meu anjo?

MADAME - Você vai gostar dele. Tem dezoito anos e é uma lasanha.

CONDE - Deve ser um maloqueiro tesão.

MADAME - Exatamente.

CONDE - E quais as medidas de seu membro: (Faz com as mãos a mímica dos respectivos tamanhos.) tarugo, pissuruco ou spray?

MADAME - (Faz um gesto maior.) Uma garrafa térmica.

CONDE - E ele dá ou come o carreteiro?

MADAME - Apesar de ser boludo, às vezes transforma-se em marreca.

(O Cavaleiro de Mirvel irrompe cena adentro. Estala o seu chicote algumas vezes. Aproxima-se da dupla. Envolve a irmã em seus braços e beija-a longamente. À seguir, envolve o Conde e acontece um beijo da mesma forma. Os dois agora estão anestesiados.)

MADAME - Gostastes, mimosa?

CONDE - Toma. Arras, mima.

CAVALHEIRO - (Respira fundo.) Que cheiro horrível de merda!

MADAME - É o meu perfume favorito de todos os tempos.

CONDE - Realmente, a fragrância do cocô é sublime.

CAVALHEIRO - Foi um prazer quase sexual! (pausa) Desculpem meu atraso, vim de carroça até aqui. Foi um passeio asqueroso.

MADAME - Conhece o Conde?

CAVALHEIRO - É muita coincidência, somos velhos amigos. Dolmancé tinha conhecimento, através de terceiros, da soberba pingola que sabes sou eu dotado; então me procurou e colocou sua belíssima bunda na minha frente e me pediu que o enrabasse. Preveni o nobre companheiro das dificuldades do ato, mas nada o amedrontou.

CONDE - É verdade. Disse-lhe que era à prova de picas e que muitos homens já haviam cravado em meu bumbum.

MADAME - Continue.

CAVALHEIRO- Então me pediu que o enrabasse, que desejava ser passado. Mergulhei no abismo sem piedade e o conde ficou tão vermelho quanto um pimentão.

(Todos começam à rir descontraidamente. Estão bastante extrovertidos.)

CAVALHEIRO- Eu sou macho até dando, mas não vou esconder minhas extravagâncias com os homens; tens bastante experiência para que não a censures. Na verdade, prefiro os homens quando me entrego a gostos exóticos. Se forem amáveis, não há nada que eu não faça. Estou longe desta corrente ridícula que faz crer aos nossos rapazinhos ser preciso responder com socos a semelhantes propostas. E eu pergunto: é por acaso o homem dono dos seus desejos? É preciso lamentar aqueles que os têm diferentes, mas jamais insulta-los. O seu mal é o da natureza. Não são culpados de chegar ao mundo com preferências diversas, como nós não somos de nascer doentes ou sãos. Um homem que deseje dormir comigo me elogia. Qualquer um razoavelmente inteligente concordará comigo sobre este fato. Mas a terra está cheia de imbecis, sem prega, que acreditam ser falta de respeito confessar que os achamos bons para nossos prazeres.

CONDE - O Cavalheiro é um homem admirável. Sabe fazer rolar a descontração.

CAVALHEIRO- Muito agradecido.

MADAME - Fico feliz que estejamos em família.

CAVALHEIRO- Estou curioso para participar desta cerimônia ridícula. A menina está lá embaixo no jardim. Abusaremos da sua juventude. É uma moça encantadora que deve aprender o meca-ismo da ejaculação a sangue-frio. Mais tarde vamos colocar-nos os quatro em frente um ao outro, e muito próximos para nos masturbarmos mutuamente. Nos entregaremos a imaginação para todas as digressões da libertinagem, desvendando os seus mais belos mistérios. Afinal, o pudor nunca foi uma virtude. Se a natureza quisesse que escondêssemos algumas partes do nosso corpo, teria ela própria tomado esse cuidado, mas ela criou nos nós. Portanto, queria que andássemos nós, e todos os procedimentos contrários somente ultrajam suas leis. (pausa) Mas chega de discursos. Acho que antes de chegarmos à troca de casais, poderíamos tentar o menage-a-trois. Talvez conseguíssemos alcançar o prazer maior desta forma.

MADAME - Excelente idéia. Assim é que se fala, meu irmão amado.

(O Cavalheiro pega os dois outros pelas mãos e formam um triângulo que aos poucos gira pelo espaço. Os movimentos são lentos, e aos poucos as carícias

começam a surgir.)

CAVALHEIRO- As leis da humanidade são violadas pela futilidade que nos permitimos. Trata-se, ao mesmo tempo de ultrajar a natureza, o céu e as mais santas leis da humanidade.

MADAME - E aqui estou, de uma só vez adúltera, incestuosa, sodomita e tudo isto para uma donzela que já foi deflorada. Percorrerei até o fim a trilha espinhosa do vício. Sou agora uma mulher perdida.

CONDE - Nós todos somos uma piada de humor negro. O sexo mais animal que pode existir é o dos canibais que comem carne de gente. Enquanto isso, as tartarugas se movimentam lentamente, porque todo o sub-consciente é um novelo de lã.

CAVALHEIRO- A sacanagem beira o incontrolável.

MADAME - É difícil demarcar as fronteiras entre o céu e o inferno.

CONDE - As idéias diabólicas e eróticas nos levam aos jogos preliminares. (A excitação aumenta ainda mais. O descontrole dos três já se faz notar.)

CAVALHEIRO- O trevo de quatro folhas traz muita sorte.

MADAME- O alpinista é aquele que escala montanhas, por esporte.

CONDE - O herói David matou o gigante Golias.

CAVALHEIRO- O obscuro é o que leve a ausência de fama.

MADAME- O limbo é o local para onde vai as almas das crianças.

CONDE - O narcisismo é a supervalorização do belo.

(Estão cansados. Durante a masturbação conjunta houveram desajustes. Parecem ter fracassado.)

CONDE - Alguém conhece um escritor francês chamado Marquês de Sade, que escreveu "Escola de Libertinagem" ?

MADAME - Não tenho conhecimento, mas pelo seu título deve ser um pederasta.

CAVALHEIRO- Igualmente, não sei quem é este cidadão. Nunca fiz uma suruba com ele.

CONDE - Ele dizia que a perversão é a abolição de Deus, da Lei e do outro.

CAVALHEIRO- Concordo. Acho que o perverso nega Deus e a lei anterior que ele profere para estabelecer no mundo uma lei própria regulada por seu gozo não sublimado.

MADAME- É apenas um modo de vida, uma arte de viver baseada unicamente na execução dos prazeres -sejam eles quais forem- de quem a desfruta.

CAVALHEIRO - E o que faremos agora?

MADAME - Quero esbofetear com a língua o pênis dos dois para colocar a disposição da minha loira flor arrebitada. Eu, entre lambidas e mordidelas, quero sentir o gosto de embrosia, o manjar dos Deuses do Olimpo, neste clima paradisíaco.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CONDE - Podemos fazer um sanduíche de nossos corpos morenos, cheirosos e gostosos e sentir os nossos líquidos respingarem por aí a um só tempo, brincando juntos numa apoteose bizarra para logo à seguir recordarmos os doces momentos do passado.

(Toca a campainha. Os três entreolham-se. Recuperam-se do golpe. Vai iniciar o último e decisivo round.)

CAVALHEIRO- Acho que não. Já tentamos e não deu certo. Prefiro a menina dê o ar de sua graça. Vou busca-la volto dentro de instantes.

CONDE - Enquanto isso minha cara: rapé, para acelerar os ânimos.

MADAME- Boa idéia, meu rouxinol enlouquecido.

(O Cavaleiro sai. O conde retira de um de seus bolsos, o pó. A Madame fica excitada. Os dois começam à cheirar.)

QUARTO ROUND

(Uma tempestade inicia. O clima está um tanto sombrio.)

MADAME - Os raios cortam o céu.

CONDE - Os ventos uivam lá fora.

CAVALHEIRO- Senhores, com as vossas permissões; ei-la: Mademoiselle Eugenie.

(Uma trovoadá mais forte. Entra uma menina desajeitada com sua boneca na mão.)

MADAME - Boas-vindas, minha querida. Esperava-te com uma impaciência que adivinhas facilmente se leres no meu coração.

CONDE - Parecia que nunca mais chegava, tal era a pressa de sentir o seu corpo perfeito e mal oculto.

OS DOIS JUNTOS - Vem. Vem pra barra pesada. Vem.

EUGENIE- Oh, vim para me instruir e não partirei antes de me tornar sábia.

(Todos começam à rir da sua ingenuidade. Os três passam a bulina-la, como se fosse um João Bofo.)

EUGENIE- Oh, fico tão perturbada. Oh, o desejo é tão agreste. Oh, sou uma rosa que acabo de desabrochar. Oh, quantos encantos no arco-íris. Oh, céus assustai-me. Oh, não me castiguem. Oh, sou menor de idade. Oh! Oh! Oh!

(Cai desmaiada. Os três ficam em silêncio. Cochicham.)

CONDE - Para darmos as primeiras aulas de libertinagem para esta menina, é preciso tamanha complacência.

MADAME - Mas é necessário ralhar severamente se não for sensata. Começemos nosa lição ou o pouco tempo de que dispomos para aproveitarmos Eugenie passará em preliminares e não a educaremos.

CAVALHEIRO- Oponho-me a esta ansiedade. O seu futuro está em jogo. Devemos agilizar a sua tolice, para não abrendar o calor das dissertações, mas evitemos o desgaste do tempo.

(O Conde coloca o pé nas nádegas de Eugénie. Ela desperta.)

EUGENIE - Oh, tive um sonho. Oh, uma visão de mim mais velha. Oh, era bonito, mas a cara era de gato. Oh, eu era dura, determinada, vulgar. Oh, agora estou ligadíssima. Oh, eu ganhava a vida nas festas masculinas, nos filminhos baratos, nas poses de calendário e nas festas de night-clubs. Oh, tinha meu ânus aberto em flor. Oh, eu era a safadeza em pessoa.

CONDE - É a favorita dos fissurados na pureza do corpo. Imaculadamente branca. Encarnada em uma febre neurótica, mas quando séria é uma intimação de imortalidade.

CAVALHEIRO - É a maliciosa dos lobos. Capaz de tirar qualquer um fora do sério. De tirar fôlego, provocando violentas contorções e acessos de selvageria incontida em seus admiradores.

EUGENIE - Oh, sim. Oh, nenhuma emoção era capaz de me atingir. Oh, eu deixava qualquer um só pensando em bobagem com meu olhar sonso. Oh, eu mantinha o mundo em suspense. Oh, eu era permitida somente para os amantes de esportes violentos. Oh, meus olhos medonhos eram como duas escandalosas esmeraldas cintilantes. Oh, um bocão enorme com os lábios quase sempre molhados. Oh, eu era um signo absolutamente ambíguo. Oh, mais bela do que nunca. Oh, mais bela do que todas. Oh, mais bela do que mim mesma. Oh, só poderia ser raptada por um sheik melancólico no meio do deserto. Oh, eu tinha a angústia da mulher solitária porque atacava no corpo e no espírito. Oh, eu transcendia uma simples imagem. Oh, eu era um dilacerante desespero existencial. Oh, eu era apenas o máximo.

Durante o seu discurso, Eugénie tira as roupas pouco à pouco. Ficando somente de combinação. Os outros três estão sedentos e tocam-se extasiados, observando toda e qualquer atitude sua. Então ela muda de ação de uma hora para outra. Larga a boneca no chão e diz:)

EUGENIE + Alguém se importa que eu fume. (acende um charuto.) Está bem, vamos parar com esse lenga-lenga de para-aonde-é-que-você-vai ou de-onde-é-que-você-vem. Estou perdendo tempo. Tempo é dinheiro. Escolham a sua tara preferida. (Rí.) Já fui até penetrada por um cavalo puro-sangue. O mastro projetou-se -era um enorme falo - eu abri as pernas com certa dificuldade e então ele enfiou aos poucos aquele monstro duro em mim com violência. Ele relinchava e se mexia em cima de mim, aninhando cada vez melhor a sua ferramenta na entrada da minha fendinha. Eu estava com minha concha pubiana toda encharcada. Foi bom sentir a sua lava escorrer pelo meu reto adentro. De-

pois fui ao banheiro me lavar, fumamos os dois um cigarro e eu já sonhava em ser possuída pelos cachorros, pelos cabritos, pelos bois, pelos ratões do banhado, pelos sapos, enfim, por todos os bichos da fazenda.

MADAME - Que horror, estou arrasada.

CONDE - Essa menina é uma impostora.

CAVALHEIRO - É estranho. Pensei que vocês soubessem. Ela é um lixo. Tudo o que sai de sua boca é podre. Seu apelido em Paris é *Chupetinha*, por ser a meretriz mais caricata daquelas bandas. É uma capivara capaz de tudo. Nem dois ou três pintos em seu corpo, um na boca e um em cada uma das mãos a saciariam. É cancheira velha e rainha dos mais perigosos combates de luxúria. É expert em fazer gêneros. Hoje, por exemplo, é a camponesa virgem, mas é possível que amanhã seja Cleópatra ou a Noviça Rebelde.

MADAME - (Começa a chorar.) Mas isso é um absurdo. Fui enganada.

EUGENIE - A "madama" está sendo muito indelicada.

CAVALHEIRO - Mas não se preocupe com isso. Quer que use o chicote para corrigir esta criança mal-comportada?

CONDE - Claro que não. Sangue a estas alturas do campeonato seria vexame. E eu não suporto este tipo de coisa. Sou uma bicha tão fina que nem peidar eu não peido.

CAVALHEIRO - Ela poderá ainda ser enforcada, esquartejada, supliciada, empelada, queimada viva: a escolha depende de vós. Mas, que esta putona deve sofrer, quanto a isso não tenho dúvidas.

MADAME - (Chora mais ainda.) Deus do céu, que ultraje!

CONDE - Parem com isso. Façam como eu: levem na esportiva.

CAVALHEIRO - É, pensando bem, o Conde tem razão. Mesmo que transformássemos esta puta em pó, ainda assim não existiria qualquer crime. Mesmo que esquartejada, como fazem os chineses, em vinte e quatro mil pedaços, não existiria o ato criminoso. (Dirige-se a Eugenie.) Cumprimente os teus companheiros, prostituta!

EUGENIE - Não fiquem assim, mon-cherries. Vamos planejar um outro tipo de vandalismo. Deixem de lado os tormentos da carne.

MADAME - (Está arrasada.) Cale a boca. Os michês para mim são como uma mercadoria, uma marca nova de conhaque no mercado. Se quiser, compro. Tenho medo de amar e não ser amada e por isso criei toda esta fantasia.

(Os quatro continuam cheirando rapé em silêncio.)

EUGENIE - Sei agora que a minha prostituição é só uma versatilidade erótica.



É um prazer fugaz que é logo consumido pela angústia, por ser um prazer sem objeto. Com o passar do tempo estarei acabada, mesmo conservando a capacidade de realizar o ato sexual, experimentarei uma progressiva perda de sensações. Vender amor é fazer uma viagem cada vez mais alucinada em torno do próprio corpo, retirando dele toda a potencialidade de gozo.



CONDE - É. Tão alegre que viemos e tão triste voltaremos. Alguém disse que o amor é ainda mais misterioso e terrível entre os animais, um impulso que leva cegamente para a união dos sexos e o mais violento dentre todos os instintos. É muito comum o amor associar-se à dor. Os amantes se machucam, entredevoram, se matam. Basta olhar-se ao espelho durante o orgasmo. O rosto da gente se contorce de sofrimento. O momento supremo do amor nos imprime uma máscara de horror.

MADAME - Justamente. Somos uns velhos tarados. Estávamos todos loucos de tesão e a única coisa que queríamos era gozar, gozar... Voltaremos para casa bêbados de amor, dormiremos extasiados e despertaremos no dia seguinte como palhaços, felizes e infelizes pelo que fizemos. (pausa) E eu esperava que esta experiência maluca fosse a emoção mais forte de toda a minha vida. No entanto não foi. Continuarei tentando encontra-la. Talvez não a encontre nunca. Mas nisso, nem é bom pensar.

CAVALHEIRO - Senhora, não houve guerra, nem terremoto, nem bombas. Mas a terra estremeceu e explodiu. É preciso estar preparado o bastante. Num instante tudo se vai embora, com a fumaça. Tudo pára, também, num instante só. Como a vida é estranha, esta imagem do tempo-de-um-instante só.

MADAME - Bem... pelo jeito que as coisas vão, provavelmente no século vinte uma peste de proporções gigantescas matará mais da metade da população. É só mais uma previsão absurda ou uma boa estória para uma peça de teatro. (pausa) Acho que não tenho mais nada a dizer. Enfim, fim, é. Boa noite a todos. Está encerrada a "Viagem ao Centro da Terra".

(Cai a luz em resistência. Os quatro ficam imobilizados na penumbra. A canção inicial corta o silêncio.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



E P Í L O G O :

(As quatro personagens estão em posições novamente marcantes. Cada um com seu respectivo símbolo. O televisor continua ligado. Novamente existe um jogo de black-outs, todos com dois segundos, eliminando um a um dos componentes da partida. Ao desaparecer o último -Madame de Saint-Ange - o televisor permanece aceso. Está sózinho no palco. Então desliga-se subitamente. Fecha a cortina.)